

## ENTRE A PELE E A PAISAGEM

*Denise Bernuzzi de Sant'Anna\**

### Resumo

Este artigo discute alguns significados culturais da pele humana e suas relações com a indústria cosmética. Coloca em questão a proliferação de imagens de peles lisas, de paisagens planas e a obsessão pelas superfícies aparentemente sem história.

### Palavras-chave

Pele; cosmética; deserto; cultura e natureza.

### Abstract

*This paper discusses cultural meanings of the human skin and their relations to the cosmetic industry. It also analyses the proliferation of images of smooth skins, plane landscapes and the obsession with surfaces which apparently lack history.*

### Key-words

*Skin; cosmetic; desert; culture and nature.*

*I know the lines are showing  
I can't keep them in  
Like everybody's story  
It's written on the skin*

Rust, *Echo & the Bunnymen*.

Natural e cultural ao mesmo tempo, a pele humana é muito mais do que uma barreira ou um simples envelope capaz de reter e conter a vida orgânica. Para além de seu peso e das dimensões significativas de sua superfície, a pele é uma interface que se oferece ao mundo como registro, enigma e veículo de passagem. Por isso, ela se assemelha à paisagem do planeta, à epiderme da natureza cujas dobras se tornam montanhas e abrem abismos, cavam sulcos em forma de rios e mares.

Mas a pele do mundo e a do ser humano não cessam de sofrer os investimentos da cultura. Além de suas potências e fragilidades internas, elas resultam de tudo o que as atinge do exterior. Por isso, enquanto a pele humana é freqüentemente trabalhada pela cosmética, pelos caprichos e rigores da moda, a superfície do mundo é crescentemente modificada graças às ações da agricultura, da engenharia e da arquitetura. Na verdade, ambas as “superfícies” são fortemente investidas pela ciência e pela técnica, podendo adquirir a aparência de “desertos, vulcões ou jardins”.

O texto que se segue é um ensaio sobre determinados aspectos desse duplo investimento cultural: sobre a pele humana e a superfície do mundo. A intenção é sugerir alguns dos atuais traços do antigo receio de revelar – na epiderme, na aparência, nas superfícies – aquelas paisagens que parecem distantes do reconhecimento humano e bem próximas da ameaça de escapar a seu controle.

### *Desertificação*

O fascínio pelas superfícies lisas, polidas e homogêneas, por esses invólucros sem fundo, corpos de pele sem rugas, lembra a atual atração turística e publicitária pelo deserto. A extensa pele seca e lisa das *top models*, por exemplo, assemelha-se às imagens do deserto retratadas em propagandas e cartões postais: um tapete dourado ou um véu madreperóla, indiferente ao combate nervoso da vida. Como se a vibração dos nervos e o movimento do sangue pudessem ser apagados, toda materialidade tornada pura forma. Apogeu da cosmética, autonomia da moda.

Por um lado, a promessa da pele lisa é estendida a todas as idades e a ambos os sexos; por outro, há uma progressiva laicização do deserto, sua exploração pela mídia e pela indústria do esporte. Como se o deserto deixasse de ser o refúgio de marginais, andarilhos, místicos e nômades para se tornar distância a ser percorrida e ganha, palco das performances de esportistas amadores e profissionais... Paris-Dakar. Cenário hollywoodiano das aventuras cada vez mais comercializadas por meio das quais homens comuns transformam-se em heróis na mídia. Para as telas que registram o espetáculo daquelas aventuras, o deserto migrou. Saiu das margens para situar-se entre as metrópoles, sob o cruzar dos aviões e o raio dos satélites. Tornou-se finito.

O incentivo ao turismo de massa é paralelo à democratização do direito de ser bela. Especialmente após a década de 1950, esse direito confirma o papel fundamental concedido à pele nos modernos templos da beleza. Neles, a pele é convocada a se expor com frequência e naturalidade, ao mesmo tempo em que é coagida a se vestir com cremes e óleos, outras peles químicas que buscam a forma lisa. Há muito, a pele sem fissuras deixou de ser um privilégio de deuses e santas. O deserto e a pele foram redescobertos por uma cultura avessa às rugas e fascinada pela cosmetologia, que, por sua vez, foi transformada em ciência independente da dermatologia e da química desde o pós-guerra. O cosmo e a cosmética não têm mais a mesma fonte de origem. Entre o deserto e a terra, entre esta e o corpo, há uma distância que se quer ultrapassar, medir, tomar posse.

A cosmética e a maquiagem não são, como para os gregos antigos, termos completamente distintos, uma evocando a higiene e os cuidados médicos e a outra significando a pintura do rosto. A cosmetologia as engloba, dando um estatuto positivo à maquiagem que, a partir de meados do século XX, serve para *tratar, prevenir e corrigir* os defeitos da aparência. Menos que dissimular, ela funciona compondo com a pele o sistema de superfície, a cartografia que deverá constituir um rosto. Servindo para produzir uma pele fina e resistente, a cosmetologia contribui para enfatizar a importância da superfície dos corpos. Mas a intensa exaltação da epiderme embelezada não poderia ocorrer sem revelar o mundo de peles que a cerca: roupas, imagens de papel e telas. Paixão pelas fachadas, sugerindo que o organismo e o mundo são feitos de muitas membranas.

Laicização do deserto e império da pele. Como se a pele substituísse a alma, esse duplo radioso do corpo, cuja adoração atravessa os séculos e as culturas. Após o considerável esgotamento das potências marginais, em voga nos anos 60, o que era até então marginal no corpo tomou a palavra: “o mais profundo é a pele”, retoma-se Paul

Valéry, e a publicidade se encarregou de sugerir os meios. Também na ciência, a pele ganhou um lugar de destaque. Assimilada a um resumo do organismo, tal como o cérebro, ela se tornou o centro do corpo humano. Centro descentrado. François Dagognet chama a atenção para o transtorno filosófico perante tal inversão: “essa excentricidade aparente, essa valorização da superfície chocará o filósofo, aquele que descende do abissal, tanto quanto o clínico, que tenta somente amenizar a inspeção ou a concretização cutânea das doenças”.<sup>1</sup> Mas a intensa valorização da pele é seguida por sua revolucionária banalização. Em 1984, nos Estados Unidos, duas crianças que acidentalmente queimaram a pele de quase todo o corpo puderam ser salvas graças à nova técnica de transplante de pele. O fato foi considerado um sucesso que marcou época. Três anos mais tarde, foi criada, em Cambridge, uma “usina única no mundo”:<sup>2</sup> o Biosurface Technology. Epidermes obtidas *in vitro*, verdadeiras segundas peles, produzidas a partir de uma amostra de pele humana saudável. A pele pode, tal como a roupa, ser feita sob medida.

Drenadas as secreções, alisadas as marcas que dão relevo e singularizam cada corpo, a pele foi enfim retrabalhada pela aversão às variações de textura, pela paixão por um mundo sempre jovem, sem relevo e sem passado. Ela lembra o deserto turístico quando se assemelha a uma exterioridade sem dobras, a um tapete de areia fino e coeso: como se as areias do deserto não se movessem. Mas, em ambos os casos, é somente na aparência que nada se passa. A calma do deserto e a da pele lisa recobrem uma sucessão de camadas em movimento, de peles e corpúsculos vivos, fluídos, mas concretos. Não vê-los é fazer do deserto uma sepultura, é tornar a pele um papel de seda, os grãos de areia aproximados uns dos outros, nivelados. Sufoco da Terra, contenção do corpo.

Ver o deserto é ver respirá-lo. Elias Canetti escreveu que os grãos de areia não são iguais, embora sejam assim percebidos por serem pequenos e pelo fato de a areia ser ali infinita.<sup>3</sup> Mas a publicidade e o turismo de massa buscam o deserto por aquilo que ele supostamente tem de vazio, pelo grande silêncio, evocador da falta de corpo e de relações sociais. Como se tal ausência fosse a passagem para o encontro com a terra. Olivier Mongin menciona essa imagem do deserto, carne ainda viva e bela, mas já queimada pelo sol, em decomposição.<sup>4</sup> Tal como o corpo de uma bela mulher cuja pele parece matéria plástica, coesa e separada da viscosidade orgânica. Sedução pelo deserto e pela bela mulher. Corpos infinitos em seus mistérios e em suas carícias. Lalla, heroína do livro *Désert*, de Le Clézio, possui uma beleza inseparável de sua vida no deserto. Ela se transforma numa manequim famosa, num deserto-objeto, película repetitiva, cartão postal.

A pele muda e seca, alisada e escovada, esticada e fresca transformou-se, igualmente, num cartão postal, num espetáculo primeiro e último, no qual nada parece se passar e, mesmo assim, talvez por isso mesmo, ela se mostra e se vende como se fosse o único caminho no qual muitos olhos tateadores querem passear e se perder. Sem aspereza, sem sombra, sem intervalo. Sem possibilidade de informação. Publicidade. Deserto que nem mesmo informa sobre os desertores. Extensa e confortável, essa pele serve como solo aos que confundem comunicação com informação e buscam descansar numa suposta lacuna entre a história e o corpo. Como se no deserto nada se passasse; pele morta para servir ao mundo que paira no céu, onde muitos se comunicam e vivem grande parte do tempo. Sabe-se que o afeto não caminha sobre pernas e que não há pés para portá-lo. Nem olhos para espiar uma superfície onde o lá e o aqui se encontram. Eliminação do tempo. Mas não é certo que longe da terra e de suas dobras um corpo possa ser afetado.

Tem-se, primeiro, o prazer de deslizar a visão (sobre essas peles de papel, tinta, luz, areia e carne), tornando-a áptica. Em seguida, o receio: desde cedo, essas superfícies levam o corpo a escorregar entre a indecência e o desconcerto. Atração e incômodo perante as extensões em que o movimento parece não ter ponto de partida nem destino. De onde sopra o vento no deserto? Para onde vai essa pele lisa que pretende cobrir corpos e objetos, obter a dimensão do mundo? É quando a visão do deserto e a da pele lisa se revelam surpreendentemente desconfortáveis. Numa superfície que parece nada ocultar começa-se, então, a entrever aquilo que ela contém para além da plácida paisagem solitária. No deserto, o trabalho do tempo, que na pele se quer varrido, é incessantemente banido, mas também refeito pelo próprio vento, entre outras forças cuja marca nem sempre é possível apagar. O deserto venta. A areia se faz poeira, temível e mortal. Sobre a areia julgada estéril, as lutas entre os povos, as juras entre as forças do bem e do mal. Jesus e a tentação. As páginas sagradas guardam os afetos, cruzando o espaço desértico, porém vivo. É nesse deserto vivo que um provençal pôde se apaixonar por uma pantera, considerá-la rainha das areias e chamá-la de Mignonne. Em “uma paixão no deserto”<sup>5</sup>, a pantera é como as areias: dourada e branca, solitária e ardente. Mas o provençal matou Mignonne e concluiu: no deserto “se tem tudo sem possuir nada”, como se fosse “Deus sem a presença dos homens.” Ou ainda, forças, tropismos:

no fundo de um Sahara que seria vazio joga-se um drama que revolve as paixões dos homens. A verdadeira vida do deserto não é feita dos êxodos de tribos à procura de uma vegetação para os animais, mas de jogo que ali ainda se joga. Que diferença de matéria entre a areia submissa e a outra!<sup>6</sup>

Camadas de tempos diferentes residindo entre as camadas de areia, mas, dentro delas, passado e futuro se comunicam. O solo desértico ressoa. “A solidão do deserto é uma das primeiras formas de tecnologia visionária.”<sup>7</sup> No deserto há história. Deserto-terra.

Mas o que dizer das membranas alisadas, daqueles véus de cetim em forma de corpos? Certamente, um convite ao desvelamento. De onde surge um feliz desconforto: “a nudez ainda revela dobras”,<sup>8</sup> como se nunca pudéssemos estar totalmente nus, nem totalmente vestidos. A moda contemporânea se encarregou de materializar essa impossibilidade, transformando-a em roupas. Moda das passarelas, que não poderia ocorrer sem a generalização desses locais de desfile para outros espaços. Da cidade-vitrine, que teve em Paris um dos maiores exemplos, ao mundo cartão postal – hoje presente em cidades, praias, florestas e desertos – o desfile não cessa de chegar até nós, revelando cenários que se disputam na corrida contra o imperceptível.

Paisagens corpóreas correlatas ao deserto turístico. Difícil saber onde começa a sede por esses impérios de pele-cartão postal. Tal como ocorre com a sede no deserto, não se sabe em que momento a sede por aquelas imagens deixa de ser um desejo para se tornar uma doença. Mas sempre se sabe que nenhuma parte desses corpos-paisagens quer ficar na clandestinidade, nenhuma delas deseja fugir da organização de um rosto.<sup>9</sup> Nenhuma delas, enfim, consegue ocultar totalmente a patologia que carregam, o peso das políticas sobre as quais se apóiam.

### *Proteção e fortaleza*

Aceitar a densidade histórica das epidermes talvez seja uma maneira de evitar sua claustrofobia. A aliança entre o visceral e o epidérmico não reduz a pele a um envelope protetor, insensível aos dramas do interior do corpo e indiferente aos atropelos do que lhe é exterior. Mas a compreende como um cérebro periférico, não apenas porque secreta as mesmas substâncias que os neurônios, mas por ser ela o teatro de tudo o que acontece no corpo e em suas relações com outros corpos.

Reconhecer alguma profundidade da pele não significa, contudo, que dela tenha sido varrida a memória de antigos sufocos, de experiências que a tratam como casca morta. Se a pele é memória, ela o é, também, de modo involuntário e de forma surpreendente, tanto de sofrimentos, quanto de alegrias. Órgão dotado de diferentes camadas em ressonância com outros órgãos e com o mundo, a pele é ainda onipresente e vital. Vive-se sem um rim, mas não é possível prescindir da própria pele. Sem ela, o ser humano não se reconhece, não pode tocar o outro nem se tocar. “Uma pele sem corpo é um vir a ser daquilo que já foi”, escreve Antonnacci Ramos ao analisar a pele e a tatuagem.<sup>10</sup>

Porque é potência aliada ao visceral, o desenho da pele está sempre em vias de ser atualizado: jamais pronto, mas nunca em rascunho! Quando se considera que a cosmética serve apenas para passar a pele a limpo, é porque a pele já deixou de ser considerada um corpo vivo e se tornou papel. Daí o pânico diante da vida que nela teima em pulsar. A geografia da pele, assim como aquela da superfície terrestre, pode cindir, conhecer erupções indesejadas, umidades e ressecamentos inesperados. Esquecer que essas superfícies são corpos é tratá-las como meros revestimentos.

Há pelo menos duas maneiras de tratar esse revestimento independentemente do corpo: o primeiro desvaloriza a pele em nome de um interior, onde estaria recluso o suposto corpo verdadeiro, a natureza em oposição à cultura. Ou, ainda, como se esse interior fosse uma princesa dentro da fortaleza-pele. Atrás da pele estaria, portanto, o desejável, o comestível. Dagonnet lembra que o termo *pellis* relaciona-se à pele do animal, como o couro de uma vaca, similar a um envelope duro, oposto à carne mole e comestível.<sup>11</sup> Comer a pele de animais é ainda uma experiência considerada inferior se comparada à ingestão da carne. Sabe-se o quanto animais e indígenas preferem as vísceras e os civilizados escolhem o que está entre estas e a epiderme, ou seja, a carne. Como se o contato entre duas epidermes nada fosse sem a existência da carne, secular esconderijo de pecados e prazeres. O toque, contudo, necessita da pele, ou seja, da promessa de uma succulenta profundidade. Ainda é possível encontrar uma forte intollerância às situações nas quais um homem não tem mais do que a própria pele. Ser puro osso e pele, duas faces da mesma moeda, testemunho da presença anêmica de alguém, sem carne, sem prazer, sem vida.

Há ainda uma segunda maneira de tratar a pele como algo descolado do corpo. Pois existem corpos que mesmo reduzidos à pele conseguem conquistar charme e sucesso. É que não se trata da mesma redução provocada por fome e miséria, mas, sim, da transformação de todo o corpo em pele, em imagem cartão postal. Michel Guillou,

ao realizar uma autópsia da cosmética e, especialmente, da maquiagem, diz que, ao contrário das sociedades antigas, nas modernas, a maquiagem começa esvaziando o rosto, transformando-o numa espécie de tela sem marcas para receber aquelas da moda e dos desejos pessoais.<sup>12</sup> Do mesmo modo que algumas concepções urbanísticas defendem demolições e limpeza de grandes áreas para, a seguir, erigirem, sobre o terreno varrido, imóveis sem passado, indiferentes ao restante da cidade e ao corpo da terra, a maquiagem tem início fazendo tábula rasa do rosto.

O embelezamento do corpo teme seus “vazamentos” inesperados, na medida em que ambiciona fazer dele algo que possa ser admirado em todas as suas partes, vasculhado, apalpado, revirado do avesso. Espera-se que nenhum sinal visceral seja indiscreto e que o corpo inteiro seja superfície pronta para a exposição. Como se tudo nesse corpo pudesse ser fotogênico. Fazer dele, enfim, uma pele sedutora, podendo mesmo ser carnuda, porque de todo modo parece já ter nascido *diet, light*, pronta para um sorriso ou outra expressão rostificada.

Na tentativa de criar esse verdadeiro império de pele personificado, a cosmética precisou evoluir: deixar de servir apenas como verniz ou truque para esconder as marcas de um rosto. Se tudo no corpo é coagido a ser fotogênico, o corpo inteiro deve se submeter aos tratamentos de beleza, ser colocado em pose. Inclusive a intenção de não posar. Assim, a cosmética moderna conquista novos territórios geográficos, do mesmo modo que amplia sua ação sobre os corpos. As depilações invadem as regiões mais íntimas de cada um, junto com a tintura e os cremes. Os modernos templos de beleza e saúde não cessam de prometer a produção de um corpo quase inteiramente pronto para ser visto e tocado. Como se a pele quase couraça dos homens antigos estivesse de volta, não mais peluda e dura, mas, sim, macia e depilada, submetida, portanto, a modernas higiênes e civilidades. Ao contrário dos tempos remotos, atualmente, a pele fina e macia é, ao mesmo tempo, a fortaleza e a princesa.

Pele resistente, fresca e performática, tal como os delicados e turbinados cosméticos contemporâneos. Por conseguinte, a cosmetologia deixou de atender apenas aos desejos de uma beleza provisória (durante uma ocasião extraordinária, tal como um baile), para pretender uma beleza total, constante e ordinária, incluindo os dois sexos.<sup>13</sup> Se, na década de 1920, Elizabeth Arden estabeleceu o programa de cuidado da pele baseado em três gestos, “limpar, tonificar e nutrir”, trinta anos mais tarde, com o crescimento do mercado jovem, esses gestos são guiados segundo as idades, as circunstâncias sociais e os diferentes tipos de pele. É também nessa época que os estudos de cosmetologia



deixam de considerar a ruga uma manifestação física natural para tomá-la como um desafio à ciência e um problema que reúne especialistas de várias partes do mundo em congressos e laboratórios.<sup>14</sup>

Na verdade, a história dos cuidados com a pele é aquela das transformações do cotidiano e da ciência. Do final do século passado, quando os remédios para a beleza eram, segundo Littré, “a ciência do rosto, do corpo e dos cabelos”, ao final deste, quando a cosmetologia se transforma em prevenção do envelhecimento físico e também em hábito saudável de demonstrar afeto por si, uma longa e movimentada história se desenrola. Como se, mesmo sem prever ou pretender, os cosméticos tivessem ganho alguma profundidade: cada pote de creme serve para apagar as marcas do tempo sobre o corpo, mas exprime igualmente as marcas de uma epopéia que inclui as disputas por mercado, as concorrências entre concepções dermatológicas diversas, as flutuações da moda e a emergência de novos problemas para a saúde, tais como a poluição e o estresse. Já na década de 1970, a publicidade de cosméticos enfatizava a capacidade de alguns cremes em proteger a pele desses dois inimigos considerados modernos. É quando os extratos de placenta e de colágeno entram em ação, e a publicidade enfatiza, além dos antigos problemas do ressecamento e das manchas, aqueles do cansaço e do envelhecimento precoce.

### *Natureza histórica da pele e das embalagens*

Por mais surpreendente que possa parecer, os cosméticos, tanto quanto as peles, contêm densidade histórica. Os interesses e as experiências que envolvem a produção e a comercialização dos cosméticos são tão complexos quanto mal conhecidos. Por vezes, sua fabricação envolve uma rede de países e setores sociais distintos, indo da floresta amazônica à bolsa de valores, passando por laboratórios farmacêuticos e indústrias de alimentos. E os potes de cremes resultam dessa espessa geografia e dessa conturbada história; tudo muito diferente da lisura da pele que seus inventores prometem produzir.

Por conseguinte, mesmo sem sair do domínio cosmetológico contemporâneo, a presença da cultura é inevitável. Basta comparar as bulas de pomadas e loções, ao longo dos anos, para penetrar numa parte desta cultura, incluindo experiências científicas e outras, ligadas à fotografia e à publicidade. Em relação à ciência, por exemplo, desde o século XVIII, pelo menos, os estudos sobre os tecidos que compõem a estrutura

corporal são significativos na Europa. Para Thérèse Hermann, autora de uma tese sobre a dermatologia no século XIX, Anne-Charles Lorry, que viveu entre 1726 e 1783, foi o fundador da dermatologia moderna e o primeiro a pensar a pele não mais como envelope inerte, mas, sim, como órgão vivo em relação a outros órgãos e, ao mesmo tempo, ao mundo externo.<sup>15</sup> Mais tarde, Ferdinand Von Hebra, nascido em 1816, chega a considerar a pele como um órgão independente, que merece estudos específicos e, logo a seguir, Dutrochet admite que todos os seres vivos eram constituídos por células, descoberta confirmada mais tarde por Schleiden e Schwann.

As técnicas capazes de isolar as células e de distingui-las, assim como os progressos no domínio da histologia – parte da anatomia destinada ao estudo da formação e da composição dos tecidos dos seres vivos – além da citologia – estudo das células – dotaram a pele, cada qual a seu modo, de uma significativa complexidade. Deixando de ser considerada uma barreira, a pele é reconhecida como um sistema pleno de movimentos de reação e de difusão, no qual as células têm uma duração limitada e heterogênea. A pele possui, portanto, um interior, e, na medida em que ele é captado pelas lentes de microscópios, um mundo invisível a olho nu toma forma, revelando uma verdadeira anatomia molecular, antes desconhecida.

Após 1880, as manifestações eruptivas da pele, em vez de serem consideradas signos de humores nefastos, serão definidas como doenças passíveis de tratamento. Em 1948, medindo a camada córnea, McKenna percebe o quanto ela é constituída por células cuja sensibilidade varia.<sup>16</sup> Na mesma época, a hidratação da pele se torna um dos problemas principais da publicidade de cremes para o rosto. A hidratação afirma-se como necessidade incontestável, na medida que a pele passa a ser considerada um grande sistema *sensível*. Por conseguinte, o uso de detergentes para a limpeza transforma-se numa grosseria intolerável. Desde o final dos anos de 1950, os produtos feitos com lipoproteínas serão considerados os mais adequados.

Mas as embalagens dos cosméticos também têm uma história espessa, repleta de mudanças que as transformaram em superfícies cada vez mais atraentes e informativas. Há uma distância considerável entre as embalagens de vidro e papelão, com vocação sedentária – posto que eram destinadas a repousar durante anos sobre penteadeiras e dentro de armários – e as embalagens de plástico e acrílico, resistentes aos movimentos da vida nômade que lhes é atribuída dentro de bolsas, malas e sacolas. Essas embalagens exprimem as diversas etapas da liberação feminina, o crescimento das cidades, do turismo e da vida fora do ambiente doméstico. A passagem das embalagens sedentárias às nômades evoca, ainda, a progressiva abolição de certos hábitos e objetos, tais como

o uso de penteadeiras, anunciando o crescente aparecimento de objetos portáteis ou de produtos que conferem grande importância ao espaço dos banheiros, outrora pouco sedutores, mas que, atualmente, sugerem o prazer de estar consigo e não mais a passagem rápida.

As embalagens contemporâneas conquistam cores e texturas inusitadas, como se fossem uma segunda pele, embalando (nos dois sentidos desse termo) nosso desejo de tocá-las. De todo modo, as embalagens têm uma rica e diversificada história. As embalagens de cosméticos, por exemplo, contêm a história dos interesses de seus fabricantes e aquela da evolução dos materiais sintéticos. E, ao longo dos anos, na medida em que é massificada a tendência de fabricar tubos e potes agradáveis ao toque e atraentes à visão, cada embalagem começa a funcionar como uma pele-tela.

A sedução flagrante exercida por corpos humanos livres de pilosidade, rugas, secreções, tais como uma capa homogênea, um deserto liso e macio, virgem e limpo, testemunha a amplitude do fascínio pelas superfícies infinitas e o pudor perante aquilo que elas supostamente cobrem. Desde a década de 1970, a publicidade de cosméticos enfatiza a presença de princípios naturais – frutas e flores – em cremes para a pele, enquanto a sofisticação das embalagens garante um *design* que sugere o conforto e o prazer do toque. Os cosméticos e suas embalagens começam então a atrair o paladar, o tato e o olhar, do mesmo modo que as epidermes frescas e lisas. Doravante, a maquiagem se aproxima da natureza. Não se separa dela para ser arte, idéia cara a Ovídio, ou para se distinguir do que não é obra humana, como escreveu Baudelaire. Se na publicidade dos produtos de Helena Rubinstein já existia a promessa de que a aparência natural poderia ser *construída* graças ao artifício dos cosméticos, com o surgimento de indústrias voltadas ao natural (a Natura, desde 1969, por exemplo), toda cosmética tende a costurar uma antiga separação entre artifício e natureza, outrora freqüente. No lugar de se opor ao artifício da cosmetologia, a natureza se torna uma de suas partes.

### *A pele dos objetos: um novo híbrido natureza-artifício*

Mas o império da pele não se esgota nos cosméticos. Em domínios diferentes da cosmetologia, outras superfícies reativas e expressivas começam igualmente a conquistar sucesso comercial. Elas podem, por exemplo, dotar os teclados de diversas máquinas de funções típicas da epiderme humana.<sup>17</sup> Chamam-se “teclados de membrana” porque são superfícies que reagem ao toque. Em equipamentos de escritórios, brinquedos e

eletrodomésticos, essas peles interagem enviando sinais aos usuários. Uma sensorialidade artificial que demonstra o quanto a sensibilidade tátil deixou de ser considerada unicamente no sentido homem-máquina para sê-lo também no sentido máquina-homem. Muitas máquinas têm, portanto, uma pele que demanda de seus usuários a redução da força do toque e sua condução por meio de gestos delicados, quase carícias. Tibon-Cornillot chega a dizer que todas as superfícies dos objetos podem, desde então, ganhar animação, formando, entre elas, redes numerosas.<sup>18</sup> Certas superfícies-telas, diz ele, cintilam e falam como corpos, convidando a tomá-los como texto, informante de diferentes características da vida.

A invenção dos hologramas, por exemplo, seria solidária à vontade de dotar qualquer objeto de uma pele-tela, visível, fotogênica e, no limite, transparente e circulável. Como se fosse banalizada a transformação de toda matéria em interface propiciadora da passagem rápida do corpo. As arquiteturas de vidro ilustram essa tendência de modo exemplar: criam ambientes “intermediários”, porque estão entre interiores e exteriores, enquanto os edifícios parecidos com grandes cristais transformam as janelas num *continuum* transparente, numa pele de vidro uniforme, avessa a qualquer abordagem do *design*.<sup>19</sup>

No entanto, mais uma vez, a densidade histórica rompe a impermeabilidade aparente dessas peles lisas e transparentes. Manzini lembra o quanto um arranha-céu de vidro expressa ambições e limites da cultura contemporânea: junto ao sonho de ser racional, transparente, essencial, sem ambigüidade, perfeita como um cristal, essa arquitetura exprime uma clara desigualdade, tal como é desigual a cultura que a fabricou; o prisma de vidro que brilha ao sol, por exemplo, aquece de um lado e gela de outro.<sup>20</sup>

A transparência sugere não apenas limpeza, leveza e lisura, mas também a *passagem* por toda parte, sem obstrução nem congestionamento. Os fantasmas, os anjos, os espíritos e o pensamento podem penetrar em espaços e tempos inacessíveis aos corpos, porque não possuem peso nem visibilidade. Por isso há qualquer coisa de fantasmático nos corpos transmutados em pele-tela, não mais a tela do pintor, mas aquela das peles de humanos, objetos e máquinas. Aspiram a transparência, essa imagem de um mundo sem obstáculo no qual tudo pode ser acessado e atravessado.<sup>21</sup>

\*\*\*

Em sociedades de controle, não é surpresa a fascinação pelo livre acesso e pela circulação absoluta. Nelas, é preciso uma coragem quase suicida para acessar menos e

para desacelerar. Há também a corrida pela duração eterna do corpo jovem, cujo pior inimigo é, certamente, o tempo. Ser transparente para se livrar do peso do corpo e da passagem dos anos: fantasmas e anjos não morrem. Mas a ambição é ser transparente, eterno e ainda profundo, mantendo uma subjetividade à flor da pele fotogênica e infinita em suas potencialidades. É mais freqüente querer emagrecer o corpo nos *spas* do que reduzir esse desejo de expressar e solidificar o próprio eu. Enquanto o corpo é desbastado, desrealizado, reconstruído, o “eu” recusa jejum e engorda em paz. Ainda não há grande disponibilidade em criar *spas* para emagrecer as redundâncias do “eu”.

Desrealizar o corpo não é um desejo novo da humanidade. Agora, ele apenas faz novas composições com a mídia moderna, a cosmética e o turismo de massa, atingindo o corpo do planeta. Desrealização que transforma os corpos numa superfície-espelho. Como se o interior do corpo deixasse de ser o espaço do desejo e este subisse à flor da pele. Será que instalado nessa exposição epidérmica o desejo esfria? Irradia-se como aura ou *fast food*? Contém uma parte irredutível à linguagem ou está totalmente traduzido em discurso? As duas vias são possíveis.

No quadro *Déjeuner sur l'herbe*, “a superfície nua da pele escava um buraco na paisagem”, indicando o espaço imaterial da alma, marcando uma fronteira a ser ultrapassada.<sup>22</sup> A ciência contemporânea, contudo, escava um buraco no próprio corpo, para iluminar suas regiões mais íntimas, independentemente de seus pertencimentos sociais e da singularidade das paisagens familiares a cada um. Já a indústria da beleza introduz nesse interior supostamente desvelado a necessidade de incessantes reconstruções, que vão dos cosméticos às cirurgias plásticas, passando pelos regimes e ginásticas. Pois numa época em que a beleza não é mais considerada um dom divino, mas o resultado do trabalho cotidiano, que depende principalmente de cada um, não basta modificar a aparência de modo provisório. É preciso alcançar o corpo todo, tal como prometem os anúncios de medicamentos ligados à produção da boa forma. Juntamente com a ciência e a indústria da beleza, a publicidade promete aos corpos assim trabalhados alguma perenidade. É quando as mãos, os pés, o ventre, o dorso e mesmo as partes e os orifícios mais recôndidos do corpo começam a sugerir figuras demasiadamente humanas.

Mas mesmo no seio desta demasia, nada assegura aos corpos, captados pela fotogenia totalitária, a permanência da atrofia que lhes foi imputada. No excesso de superfícies supostamente impermeáveis ao devir, nada garante o reconhecimento constante de si mesmo. O estranhamento de si pode durar segundos, mas, quando ocorre, abre no corpo uma espécie de lacuna, de espaço-tempo inusitado, desvencilhado de todo automatismo. É quando justamente no corpo transformado em ente familiar, demasia-

damente humano, fotogênico e confortável, é inscrito um encontro ao mesmo tempo consigo e com o mundo. Encontro com o corpo de todos os dias, porém encontrado pela primeira vez. Neste encontro, não se sabe se foi o tempo presente que teve sua duração prolongada ou se foi o corpo que ampliou sua presença. Paradoxos. Tal como Alice, de Lewis Carroll, que não sabia se o poço dentro do qual caía era profundo demais ou se era ela que caía muito devagar. Como Alice, esticam-se o tempo, o espaço, a presença, “caindo, caindo, caindo”, encontra-se com a Terra, mas também atinge-se a superfície.

Nessas circunstâncias, a pele se faz corpo, nem acima e nem abaixo do tecido da vida: torna-se parte dele, como um grãozinho de areia é parte do deserto: uma pequenez corajosa esta, porque aposta na singularidade daquilo que parece ser a mais insignificante das existências e que raramente é vista isolada de seu coletivo. Muito já se elogiou a areia, mas pouca poesia coube a cada um de seus grãos.

Talvez não baste desejar a beleza de um grão de areia, nem seja desejável que um corpo faça sentido tal como um grão ou um deserto inteiro. Não se trata de desejar, buscar, querer, descobrir um sentido próximo à pele, em seu interior ou longe dela. Mas de suspender tais vontades, dar-lhes uma pausa, cavar nelas um intervalo. Não propriamente para recobrar energias, mas, sim, para ver cada querer passar diante de si, com a fisionomia de um sujeito apressado, falando sem parar para si mesmo, ávido para chegar a algum lugar.

Ver o próprio querer assim ofegante e disperso pode provocar lágrimas, mas também risos. De algum modo, observá-lo sem ter vontade de se levantar para segui-lo já indica a adoção de uma atenção vigilante, acolhedora do estranhamento de si e, ao mesmo tempo, do interesse pelas existências pequenas.

*Artigo recebido em maio de 2001 e aprovado para publicação,  
pelo Conselho Editorial, em junho de 2001.*

## Notas

\* Professora do Departamento de História da PUC-SP.

<sup>1</sup> Dagonnet, F. *La peau découverte*. Paris, Les empêcheurs de penser en rond, 1993, p. 16.

<sup>2</sup> Bader, J.-M. Grands Brûlés, la greffe de peau s'étend. *Science et vie*. Paris, Excelsior P., outubro 1994, pp. 70-77.

- <sup>3</sup> Canetti, E. *Massa e poder*. Trad. Rodolfo Krestan. São Paulo/Brasília, Melhoramentos/Universidade de Brasília, 1983, p. 94.
- <sup>4</sup> Ver Mongin, O. *La peur du vide, essai sur les passions démocratiques*. Paris, Seuil, 1991, p. 28.
- <sup>5</sup> Balzac, H. de. “Une passion dans le désert”. In: *Oeuvres Complètes*. vol. 13, Paris, Lacrampe et Comp., 1845.
- <sup>6</sup> Saint-Exupéry, A. de. *Terra dos Homens*. Trad. Rubem Braga. 4 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1958, p. 151.
- <sup>7</sup> Viola, B. “Le son d’une ligne de balayage”. *Chimères*. Paris, Ass. Chimères, 1992.
- <sup>8</sup> Michel, S. *Les cinq sens, philosophie des corps mêlés – I essai*. Paris, B. Grasset, 1985.
- <sup>9</sup> A este respeito ver “Année Zéro – Visagété”. In: Deleuze, G. e Guattari, F. *Capitalisme et schizophrénie, Mille Plateaux*. Paris, Minuit, 1980.
- <sup>10</sup> Ramos, C. M. A. *Teorias da tatuagem*. Florianópolis, UDESC, 2001; parte dele resulta de seu doutorado defendido na PUC-SP, em 1999.
- <sup>11</sup> Dagognet, op. cit., p. 32.
- <sup>12</sup> Guillou, M. “Autopsie et esthétique du désir”. *Traverses*. Paris, Centre Georges Pompidou, Minuit, 1977.
- <sup>13</sup> Tema desenvolvido em nosso doutorado sobre a história da beleza feminina no Brasil: *La recherche de la beauté*. Paris, Universidade Paris VII, 1994.
- <sup>14</sup> Ver, por exemplo, Cordier, P. *Allergie aux cosmétiques*. Universidade Nancy I, doutorado, 1975; Michel, J.-H. *Premier Dictionnaire des produits de soins de beauté*. Paris, Ed. 26, 1976.
- <sup>15</sup> Hermann, T. *La dermatologie au XIXe siècle*. Paris, Universidade de Paris, doutorado, VI, 1977.
- <sup>16</sup> Schonagen, L.T. Le rôle de l’humidité naturelle dans la physiologie de la peau sénescence. *Les Archives de biochimie e cosmétologie* 35. 1961, p. 15
- <sup>17</sup> Manzini, E. *A matéria da invenção*. Lisboa, Centro Português de Design, 1993, p. 213
- <sup>18</sup> Tibon-Cornillot, M. Contagion médiatique et diffusion épidémique. Les mises en scène du corps moderne. *Quaderni* 29. Paris, Quaderni ed., 1996.
- <sup>19</sup> Manzini, op. cit., p. 176.
- <sup>20</sup> Idem, ibidem, pp. 176-177.
- <sup>21</sup> Discutimos este problema no livro *Corpos de Passagem*, São Paulo, Estação Liberdade, 2001.
- <sup>22</sup> Gil, J. *A imagem-nua e as pequenas percepções, estética e metafenomenologia*. Lisboa, Relógio d’Água, 1996, p. 58.